

Orações relativas restritivas combinadas com as expressões de quantificação universal *tudo* e *todos*

Restrictive relative clauses combined with the universally quantified
expressions *tudo* 'everything' and *todos* 'everybody' / 'all'

Telmo Mória
Universidade de Lisboa (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa)
tmoia@letras.ulisboa.pt
orcid.org/ 0000-0002-0288-2604

Fecha de recepción del artículo: 7-02-2025

Fecha de aceptación del artículo: 26-03-2025

Resumo

Este trabalho discute construções com orações relativas restritivas em sintagmas nominais com as expressões de quantificação universal *tudo* e *todos*. O foco é nas estruturas em que ocorre o pronome relativo neutro *que*, algumas das quais não têm aceitação consensual no português europeu padrão contemporâneo – e.g. *tudo que fiz*, *todos que vieram*. Estas construções estão em variação livre com diversas alternativas equivalentes, de uso mais frequente, que serão com elas comparadas sistematicamente – e.g. *tudo o que fiz*, *todos aqueles que vieram*. A análise da ocorrência destas construções em diferentes tipos de registos (texto jornalístico português e brasileiro, texto literário português) revela alguns factos curiosos, relacionados com variação em diferentes planos: diatópico (diferenças entre PE e PB), diacrónico e diastrático/diafásico.

Palavras-chave: Orações relativas – pronomes relativos – quantificação universal – variação linguística.

Abstract

This paper discusses constructions with restrictive relative clauses within nominal phrases containing the universal quantifiers *tudo* 'everything' and *todos* 'everybody'. The focus will be on those containing the relative pronoun *que* 'that', some of which are not consensually accepted in contemporary standard European Portuguese – e.g. *tudo que fiz* 'everything I did', *todos que vieram* 'all who came'. These constructions are in free variation with a wide variety of equivalent, more frequent, options – e.g. *tudo o que fiz*, *todos aqueles que vieram*. A systematic comparison between alternatives will be made. The analysis of these constructions in different types of register (Portuguese and Brazilian newspaper text, Portuguese literary text) reveals some curious facts, which bring to light

variation on different levels: diatopic (differences between EP and BP), diachronic and diastratic/diaphasic.

Keywords: Relative clauses – relative pronouns – universal quantification – language variation.

1. Introdução

Este trabalho discute centralmente construções em que uma expressão de quantificação universal (*tudo* ou *todos*) precede imediatamente uma oração relativa com o pronome relativo neutro (isto é, não marcado com traços sintático-semânticos inerentes) *que*, como as seguintes quatro:

- (1) **Tudo que** nós desejámos que acontecesse acabou por acontecer.
- (2) **Tudo com que** nós sonhámos acabou por se concretizar.
- (3) **Todos que** tinham bilhete válido puderam entrar no pavilhão.
- (4) **Todos com que** nós colaborámos tinham larga experiência de gestão.

Identificam-se quatro subtipos de construções, em função de dois parâmetros: (i) traço [$\pm$ Humano] do SN que integra a oração relativa, distinguindo SNs [–Humano], que usam a forma *tudo*, ilustrados em (1)-(2), e SNs [+Humano], que usam a forma *todos*, ilustrados em (3)-(4); (ii) ausência ou presença de preposição no constituinte relativo, distinguindo relativas com constituintes relativos não preposicionados, ilustradas em (1) e (3), e relativas com constituintes relativos preposicionados, ilustradas em (2) e (4). Estes quatro subtipos serão analisados adiante em secções separadas.

Estas construções, que apresentam várias particularidades curiosas, não foram, tanto quanto sei, muito discutidas na literatura e este trabalho pretende contribuir para colmatar essa lacuna.

Um primeiro aspeto que se destaca nestas construções é que nem todas elas parecem gozar de aceitação consensual universal entre os falantes da variedade padrão do português europeu. Por exemplo, recentemente, Silva (2021: 74) considera que não é legítimo o uso de *que* em vez de *o que* a seguir a *tudo*, como em (1), dando como agramaticais frases como *os cientistas já sabem tudo que há para saber sobre a Lua* e *tudo que vive precisa de luz natural para se desenvolver*. Na sua *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, Mendes de Almeida também considera que “quando seguido de *que*, *tudo* reclama o pronome demonstrativo *o*. Tudo *o que* vi, tudo *o que* diz (= *tudo* aquilo *que* vi; *tudo* aquilo *que* diz)” (Mendes de Almeida 1999: 193). Esta estipulação é difícil de compreender, uma vez que – como veremos adiante – a sequência *tudo que* é frequentemente usada em autores clássicos portugueses, que o

gramático costuma tomar como referência para o estabelecimento da norma. Curiosamente (e sintomaticamente), em nota, Mendes de Almeida sente a necessidade de defender a plena regularidade da construção *tudo o que*, insurgindo-se contra um autor, que não identifica, que teria afirmado que “não se deve dizer *tudo o que*, mas *tudo que*” (cf. pp. 190-191). Como veremos, o facto de algumas construções com *que* não serem bem aceites, ou serem consideradas menos naturais, por alguns falantes portugueses, está a par com uma frequência muito baixa em *corpora* de texto escrito. Adicionalmente, na comparação entre o português europeu e o português brasileiro, observam-se diferenças muito significativas, com a variedade americana a fazer um uso mais frequente do pronome neutro *que* do que a variedade europeia.

Um segundo aspeto gramatical que se destaca é que estas construções com *que* estão em variação livre com um vasto elenco de construções morfossintaticamente paralelas e semanticamente equivalentes. Compare-se, por exemplo, (1) com as alternativas em (5)-(6), ou (3) com as alternativas em (7)-(8):

- (5) **Tudo {quanto / o que / aquilo que}** nós desejámos que acontecesse acabou por acontecer.
- (6) **Todas as coisas que** nós desejámos que acontecessem acabaram por acontecer.
- (7) **Todos {quantos / os que / aqueles que}** tinham bilhete válido puderam entrar no pavilhão.
- (8) **Todas as pessoas que** tinham bilhete válido puderam entrar no pavilhão.

Neste trabalho, serão discutidas as várias construções em competição e será observada a sua ocorrência em três *corpora*: (i) CETEMPúblico (com cerca de 195 milhões de palavras; texto jornalístico português), representativo da variedade padrão do PE contemporâneo; (ii) NILC/São Carlos (com cerca de 35 milhões de palavras; texto predominantemente jornalístico brasileiro), representativo da variedade padrão do PB contemporâneo; (iii) Vercial (com cerca de 15 milhões de palavras; texto de autores clássicos portugueses dos séculos XVI a XX). Os valores quantitativos obtidos em pesquisas sistemáticas nestes *corpora* permitem ter uma noção mais precisa da prevalência relativa das construções em competição, nos registos em apreço. O conhecimento sobre frequência pode ser utilizado como um guia para orientar opções estilísticas nas situações em que a receptividade dos leitores seja um fator importante, como, por exemplo, a publicação de texto traduzido.

Um terceiro aspeto que se destaca nas construções em análise é que as informações semânticas aparecem com frequência amalgamadas numa única expressão linguística, tornando difícil a categorização sintático-semântica das formas em presença. Assim, por exemplo, *tudo* em frases como (1)-(2) representa toda a

estrutura nominal pré-modificador, concentrando a informação de quantificação universal, de determinação definida e de núcleo nominal, isto é, sendo equivalente à sequência de três unidades discretas *todas as coisas*. A questão da compactação de informação semântica em certas formas linguísticas tem alguma complexidade e será desenvolvida autonomamente na secção a seguir.

2. Elementos gramaticais e amálgama de informações semânticas

Começemos por considerar estruturas nominais maximamente explicitadas do tipo de *todas as coisas que* ou *todas as pessoas que*. A sua ocorrência em frases associa-se às condições interpretativas expressas esquematicamente em (9) e (10), respetivamente (onde Π representa a propriedade expressa pela expressão predicativa relevante exterior a todo o SN – e.g. *ser honesto*, na frase *todas as pessoas que a Ana conhece são honestas* – e *ev* representa a situação expressa pela oração relativa restritiva – e.g. [ev: a Ana conhece x], na mesma frase):

$$(9) \quad \forall x ([\text{coisa}(x) \wedge \text{ev}: \dots x \dots] \rightarrow \Pi(x))$$

$$(10) \quad \forall x ([\text{pessoa}(x) \wedge \text{ev}: \dots x \dots] \rightarrow \Pi(x))$$

Estas construções maximamente explicitadas evidenciam que, no processamento semântico, há quatro elementos que importa distinguir:

- um **núcleo nominal** (N) que identifica o domínio sobre que opera a modificação, a determinação e a quantificação; este identifica ou o conjunto de entidades não humanas do universo de discurso ou alternativamente o conjunto de entidades humanas, representáveis através de nomes de sentido hiperonímico, como *coisas* ou *pessoas*, respetivamente;

- um **modificador oracional** que restringe o conjunto identificado pelo núcleo nominal, mediante identificação de uma propriedade que apenas alguns dos seus membros possuem; nas estruturas em análise, o modificador é uma oração relativa (OREL), que integra à cabeça um constituinte relativo (CREL), dentro do qual existe, sozinho ou e.g. precedido de uma preposição, um pronome ou morfema relativo (PREL), como, por exemplo, *que*; o constituinte/pronome relativo representa um argumento/modificador na estrutura proposicional da oração relativa, sinalizado acima esquematicamente mediante “[ev: $\dots x \dots$]”;

- um **operador de determinação definida** (DD) aplicado à estrutura nominal modificada, ou seja, operando, pelo menos semanticamente, na forma [DD [N OREL]]; nas construções referidas acima, esse operador é realizado através de um artigo definido, mas pode também ser representado por um demonstrativo adnominal (e.g. *todas as/estas/essas/aquelas coisas/pessoas que...*);

– um **operador de quantificação universal** (QU) aplicado à estrutura nominal já determinada (como se pode ver pela possibilidade de pronominalização, *todas elas*), a qual tem, portanto, o estatuto de sintagma nominal completo, ou seja, operando na forma [QU [_{SN} DD [N OREL]]] – cf. Peres (2013); dado que a determinação definida tem um valor intrínseco de quantificação universal, este quantificador é de algum modo redundante ou enfático, não alterando, na essência, as condições de verdade da proposição (donde a equivalência entre e.g. *as pessoas que entraram tinham bilhete válido* e *todas as pessoas que entraram tinham bilhete válido*).

Assim, nas estruturas maximamente explicitadas, os quatro elementos necessários ao processamento surgem autonomizados e dispostos da seguinte forma:

(11) [QU [DD [N [OREL [CREL ... PREL] ...

Porém, nem sempre estes quatro elementos são expressos de forma independente. Noutras construções equivalentes a *todas as coisas que* ou *todas as pessoas que*, observam-se formas linguísticas que combinam informações de mais de um tipo, que designarei – por mera facilidade de referência – como amálgamas. Muitas destas amálgamas (e.g. *aquilo, tudo, o que*) são homónimas de formas que representam um único tipo de informação, o que pode complicar a análise gramatical. Não é minha preocupação a sintaxe fina dessas formas que compactam informação, sendo imagináveis vários tratamentos formais, com ou sem elementos nulos, com ou sem incorporação e reanálise (cf. e.g. tratamento de *o que* em Medeiros Júnior 2016 ou Brito 2024), com ou sem fusão morfofonológica num componente fonológico da gramática (cf. Móia 1992), que aqui me dispensarei de tentar equacionar.

Creio que são de distinguir três tipos de amálgamas:

1) Amálgamas DD+N: (formas de) *aquilo, aqueles, os*¹

Formas que fundem a informação sobre a determinação definida e o domínio da especificação (isto é, o domínio das entidades humanas ou das entidades não humanas), quando seguidas de modificadores. Nas estruturas em análise, pertencem a este grupo: (i) *aquilo (que)* equivalente a *aquelas coisas (que)* em SNs com o traço [–Humano], como (12); (ii) *aqueles (que)* ou *os (que)* equivalentes a *aquelas pessoas (que)* em SNs com o traço [+Humano], como (13).²

(12) [QU tudo] [DD+N aquilo] [OREL que nós desejámos que acontecesse]

(13) [QU todos] [DD+N aqueles/os] [OREL que tinham bilhete válido]

¹ Outros exemplos de amálgamas comparáveis, em estruturas diferentes das que aqui estão a ser consideradas, são e.g. *nada (que)*, *ninguém (que)* ou *alguém (que)* equivalentes a *nenhuma coisa (que)*, *nenhuma pessoa (que)* e *alguma pessoa (que)*, respetivamente.

² Não se devem confundir estas formas amalgamadas *aqueles* e *os* com os homónimos determinantes simples; considero que *aqueles* e *os* são determinantes simples (não amálgamas) quando seguidos de formas nominais elididas com antecedentes textuais (e.g. *muitos [rapazes]_i, incluindo aqueles/os [_i que a Ana convidou,...]*).

2) Amálgamas DD+N+PREL: (formas de) *o que, quanto, quantos*

Formas típicas das orações relativas livres, que fundem a informação do morfema relativo, do núcleo nominal modificado e da determinação definida (na análise de Móia 1992). Nas estruturas em apreço, pertencem a este grupo: (i) *o que*³ e *quanto* equivalentes a *as coisas que* em SNs com o traço [–Humano], como (14); (ii) *quantos* equivalente a *as pessoas que* em SNs com o traço [+Humano], como (15). Em orações relativas livres sem quantificadores universais explícitos, *quem* e *o que* têm um comportamento paralelo, como amálgamas: *quem* equivale a *as pessoas que* (cf. *quem caiu = as pessoas que caíram*) e *o que* equivale a *as coisas que* (cf. *o que caiu = as coisas que caíram*); porém, na presença desses quantificadores universais, as expressões comportam-se de forma díspar, não podendo *quem* ocorrer canonicamente em construções do tipo de (15).

- (14) [QU tudo] [DD+N+PREL {o que / quanto}]
[OREL remanescente nós desejámos que acontecesse]

- (15) [QU todos] [DD+N+PREL {*quem / quantos}]
[OREL remanescente tinham bilhete válido]

3) Amálgamas QU+DD+N: (formas de) *tudo, todos*

Formas que fundem informação sobre quantificação universal e determinação definida e sobre o domínio da quantificação/especificação, antes de modificadores oracionais relativos com *que*, isto é, nas estruturas ilustradas em (1)-(4) acima.

- (16) [QU+DD+N tudo] [OREL que nós desejámos que acontecesse]
(17) [QU+DD+N todos] [OREL que tinham bilhete válido]

Note-se que se pode considerar que *tudo* e *todos* representam apenas o elemento QU, nos casos em que estão presentes itens como *aquilo (que)*, *aqueles (que)* ou *os (que)*, entendidos como amálgamas DD+N (cf. (12)-(13)), ou pronomes relativos não neutros, como *o que*, *quanto* ou *quantos*, entendidos como amálgamas DD+N+PREL (cf. (14)-(15)); mas nos casos em que *tudo* e *todos* precedem imediatamente uma oração com um pronome relativo neutro *que*, como em (1)-(4), essa análise não é possível. As formas *tudo* e *todos* incorporam, neste caso, o núcleo nominal (N), isto é, são pronominais *lato sensu*. São pronominais como *tudo* e *todos* pró-SN (e.g. *tudo é perigoso*, *todos acreditaram nas promessas do ministro*), mas com uma análise distinta, nos termos de (16)-(17), dado que estão aplicadas a um

³ Tradicionalmente, a forma *o que* não é reconhecida como uma unidade, sendo o elemento *o* considerado como um pronome demonstrativo (equivalente a *aquilo*) independente do pronome relativo *que* (cf. e.g. Mendes de Almeida 1999). O estatuto de unidade morfossintática tem-lhe sido, porém, reconhecido em autores mais recentes (e.g. Brito 1988; Móia 1992; Veloso 2013; Medeiros Júnior 2016), que aqui sigo.

modificador, um elemento interno ao SN. Note-se, adicionalmente, que o pronome relativo *que* não ocorre em relativas sem antecedente expresso e que, com este pronome, *tudo* não pode flutuar; estas propriedades distinguem o pronome neutro *que* de pronomes não neutros como *o que*:

- (18) **Tudo o que** nós desejámos que acontecesse aconteceu. /
O que nós desejámos que acontecesse aconteceu **tudo**.
- (19) **Tudo que** nós desejámos que acontecesse aconteceu. /
*Que nós desejámos que acontecesse aconteceu **tudo**.
- (20) **Todos que** tinham bilhete válido puderam entrar. /
*Que tinham bilhete válido puderam **todos** entrar.

Vejamos agora individualmente, em secções autónomas, cada uma das subconstruções relevantes: com SNs com o traço [-Humano], primeiro, e com SNs com o traço [+Humano], seguidamente; e, para cada um dos dois tipos de SN, com constituintes relativos não preposicionados, primeiro, e com constituintes relativos preposicionados, depois.

3. Orações relativas com constituintes relativos não preposicionados precedidas de *tudo* e construções afins

Nesta secção, analisaremos as construções do tipo ilustrado em (1), (5) e (6) acima, repetidas abaixo por conveniência:

- (21) **Tudo {que / o que / quanto / aquilo que}** nós desejámos que acontecesse acabou por acontecer.
- (22) **Todas as coisas que** nós desejámos que acontecessem acabaram por acontecer.

Das cinco construções equivalentes em competição (*tudo que*, *tudo o que*, *tudo quanto*, *tudo aquilo que*, *todas as coisas que*)⁴, as quatro últimas, mas crucialmente não a primeira, podem ocorrer – de forma *grosso modo* equivalente – em sequências sem quantificação universal explícita (*tudo*, *todas*):

- (23) **{*Que / O que / Quanto / Aquilo que}** nós desejámos que acontecesse acabou por acontecer.
- (24) **As coisas que** nós desejámos que acontecessem acabaram por acontecer.

⁴ Há variantes da construção, menos frequentes, que aqui ignoro: e.g. *aquilo tudo que nós desejámos...*

No presente trabalho, não explorarei a competição entre construções do tipo de (21)-(22) – com *tudo/todos* – e do tipo de (23)-(24) – sem esses elementos realizados, mas veiculando o mesmo valor. Esta competição é interessante, numa perspetiva de determinar as preferências globais dos falantes por formas equivalentes (em variação livre), mas será deixada para trabalhos posteriores.

Aqui, fiz pesquisas apenas das cinco construções referidas com *tudo* e *todos* (em posição inicial no SN), nos três *corpora* referidos na secção introdutória. O número de ocorrências relevantes, obtido após análise individual de todos os resultados, está indicado na Fig. 1. Aí, e doravante, “pMp” significa “por milhão de palavras”; os valores por milhão de palavras são usados como medida da frequência relativa das construções nos *corpora*.⁵

	CETEMPúblico [PE]		NILC/São Carlos [PB]		Vercial	
<i>tudo que</i>	220	1,5%	864	33,3%	451	18,5%
<i>tudo o que</i>	12.768	85,5%	1.459	56,2%	1.343	55,0%
<i>tudo que + tudo o que</i>	12.988 1,7% <i>que</i> vs. 98,3% <i>o que</i>		2.323 37% <i>que</i> vs. 63% <i>o que</i>		1.794 25% <i>que</i> vs. 75% <i>o que</i>	
<i>tudo quanto</i>	1.039	7,0%	124	4,8%	593	24,3%
<i>tudo aquilo que</i>	855	5,7%	136	5,2%	29	1,2%
<i>todas as coisas/cousas que</i>	50	0,3%	13	0,5%	24	1,0%
total	14.932		2.596		2.440	
	76 pMp		74 pMp		164 pMp	

Fig. 1: Prevalência de construções contendo orações relativas com constituintes relativos não preposicionados precedidas de quantificadores universais do tipo de *tudo* e afins. Fonte: elaborado pelo autor.

⁵ O *corpus* CETEMPúblico 2.0 v. 12.4 tem 195.231.421 palavras, o *corpus* NILC-São Carlos v. 15.3 tem 35.145.895 palavras e o *corpus* Vercial v. 17.2 tem 14.872.077 palavras.

Merece especial destaque a competição entre *tudo que* e *tudo o que*, isto é, entre a forma pronominal simples *que* e a locução pronominal *o que*, imediatamente após *tudo*. Observa-se que, no português europeu contemporâneo, documentado no CETEMPúblico, o uso da forma simples *que* parece ter perdido muito terreno face ao uso da contrapartida locucional *o que*, usando-se agora de forma muito infrequente: só 1,7% dos 12.988 registos de *tudo que* + *tudo o que* recorrem à forma simples *que*, correspondendo a 1 ocorrência por milhão de palavras do *corpus*. Para muito falantes portugueses, aliás, esta forma parece ser sentida como pouco natural (cf. ainda observações na secção 1). Os números do português brasileiro, documentado no NILC/São Carlos, mostram um uso pelo menos 25 vezes mais frequente: 37% dos 2.323 registos de *tudo que* + *tudo o que* recorrem à forma simples *que*, correspondendo a 25 ocorrências por milhão de palavras do *corpus*. Os números do Vercial aproximam-se mais dos do NILC/São Carlos, parecendo indicar que foi o PE contemporâneo que sofreu uma mudança no sentido da forte redução do uso de *que*: 25% dos 1.794 registos de *tudo que* + *tudo o que* recorrem à forma simples *que*, correspondendo a 30 ocorrências por milhão de palavras do *corpus*. Note-se, em todo o caso, que a construção com a locução pronominal (*tudo o que*) é maioritária em todos os três *corpora*. Seguem-se exemplos do uso da sequência *tudo que* nos *corpora* referidos:

- (25) “Somos reféns da nossa visão especializada: tememos **tudo que** nossos olhos de caçador não podem captar com nitidez (...)” (CETEMPúblico, ext28575-nd-94a-2)
- (26) “(...) entraram na minha casa e levaram **tudo que** havia na geladeira (...)” (NILC/São Carlos, par=12222)
- (27) “O corregedor chamou Rita, e forçou-a pelo terror a contar **tudo que** ouvira à vizinha.” (Camilo Castelo Branco, *Amor de Perdição*, 1862, in Vercial)

Observa-se ainda maior frequência da forma *tudo quanto* em texto literário (cerca de 24%) do que em texto jornalístico. No texto jornalístico brasileiro, a construção é ligeiramente menos frequente que no texto jornalístico português (cerca de 5% vs. 7%, respetivamente).⁶

⁶ Embora a forma *quanto* em orações relativas livres pareça bastante formal, a forma *tudo quanto* não parece sê-lo, não sendo infrequente em registos orais informais: na parte do *corpus* CORDIAL-SIN registada na Linguatca (cerca de 850 mil palavras, PE), há 33 registos de *tudo quanto* (vs. 43 de *tudo o que* e 3 de *tudo que*); no *corpus* C-Oral-Brasil (cerca de 250 mil palavras, PB), há 8 registos de *tudo quanto* (vs. 3 de *tudo o que* e 28 de *tudo que*). Estes dois *corpora* orais estão disponíveis em <http://www.linguatca.pt/ACDC/>.

4. Orações relativas com constituintes relativos preposicionados precedidas de *tudo* e construções afins

Nas construções em que os constituintes relativos são preposicionados, as hipóteses são comparáveis às discutidas na secção anterior:

- (28) **Tudo {com que / com o que / com quanto / aquilo com que}** nós sonhámos acabou por se concretizar.
- (29) **Todas as coisas com que** nós sonhámos acabaram por se concretizar.

Pesquisas destas formas com *tudo* e *todas* nos três *corpora* referidos na secção introdutória deram os resultados indicados na Fig. 2.

	CETEMPúblico [PE]		NILC/São Carlos [PB]		Vercial	
<i>tudo</i> PREP <i>que</i>	71	30,3%	23	62,2%	16	40,0%
<i>tudo</i> PREP <i>o que</i>	5	2,1%	2	5,4%	2	5,0%
<i>tudo</i> PREP <i>quanto</i>	6	2,6%	0	—	2	5,0%
<i>tudo</i> <i>aquilo</i> PREP <i>que</i>	146	62,4%	11	29,7%	12	30,0%
<i>todas as coisas/cousas</i> PREP <i>que/as quais</i>	6	2,6%	1	2,7%	8	20,0%
total	234		37		40	
	1,2 pMp		1,1 pMp		2,7 pMp	

Fig. 2: Prevalência de construções contendo orações relativas com constituintes relativos preposicionados precedidas de quantificadores universais do tipo de *tudo* e afins. Fonte: elaborado pelo autor.

Na comparação desta Fig. 2 com a Fig. 1 da secção anterior, há um facto gramatical que se destaca (além de uma frequência global muito mais baixa): no registo jornalístico do PE, o uso do pronome neutro *que* nas construções com preposição é muito mais frequente do que o seu uso em construções sem preposição (30% vs. 1,5%). Em todo o caso, continua a ser comparativamente mais baixo do que o que se observa em registo afim do PB (62% vs. 33%) ou no Vercial (40% vs. 19%). A forma

maioritariamente usada em PE contemporâneo, e porventura sentida como a mais natural, envolve a explicitação do antecedente na forma pronominal *aquilo* (cerca de 62% dos registos). Vejam-se exemplos da construção *tudo* PREP *que* nos três *corpora*:

- (30) “Fazem tudo o que se lhes permite, aceitam **tudo a que** são obrigados...” (CETEMPúblico, ext68396-nd-93b-1)
- (31) “Em três ou quatro lojas achei **tudo de que** precisava (...).” (NILC/São Carlos, par=Tudo--94a-1)
- (32) “Carlota responde-lhe, omitindo **tudo em que** podia ressoar a história dum coração revelada a outro.” (Camilo Castelo Branco, *Coisas Espantosas*, 1862, in Vercial)

A pesquisa de construções com preposição revelou uma estrutura especialmente interessante e, tanto quanto sei, não discutida na literatura: envolve o uso de pronomes relativos como o traço [-Humano] (*o que* ou *quanto*) como morfemas pró-SN no interior do constituinte relativo, após preposição – e.g. *tudo com {o que / quanto} nós sonhámos acabou por se concretizar*.⁷ Nestas construções, os morfemas *o que* e *quanto* têm-se ser tratados como genuínos pró-SN, não resultando de fusão morfofonológica com o antecedente, do qual estão separadas por uma preposição.⁸ Trata-se de construções com frequência baixa e não estou seguro de que tenham aceitação consensual universal, ou, pelo menos, sejam sempre sentidas como totalmente naturais; creio ainda que há diferenças de aceitabilidade ou naturalidade entre construções – cf. e.g. (33), bastante natural, vs. (34), muito pouco natural –, mas deixo a avaliação de potenciais diferenças para investigação posterior:

- (33) Depois de **tudo pelo que** passei, mereço um descanso.
- (34) ?Sinto que **tudo no que** acredito está em causa.

Nos *corpora* consultados, encontraram-se 9 registos de *tudo* PREP *o que*, que documentam a tendência para alargar os contextos de utilização deste morfema

⁷ Note-se que os morfemas *o que* e *quanto* (ao contrário de e.g. *quem*) não ocorrem após preposições em relativas com antecedente expresso comuns (cf. e.g. *a pessoa com quem falei* vs. **o problema com o que me preocupe*). O uso de *o que* como genuíno pró-SN está documentado nas três construções com orações relativas livres que aceitam excepcionalmente constituintes relativos preposicionados (cf. Móia 1992), a saber: (i) construções com identidade dos predicados da matriz e da relativa e haplogia da preposição no constituinte relativo – cf. *ajudarei no que puder ajudar*; (ii) construções clivadas – cf. *com o que eu não contava era com tanta resistência*; (iii) orações relativas infinitivas – cf. *não tenho do que me queixar*. O morfema relativo *quanto* parece não ocorrer bem mesmo nestes contextos, rejeitando tipicamente a posição nominal após preposição: *?!*ajudarei em quanto puder ajudar*, **com quanto eu não contava era com tanta resistência*; **não tenho de quanto me queixar*, assim sendo, as construções do tipo ilustrado em (38)-(40) são excepcionais.

⁸ Note-se, adicionalmente, que o elemento *o* desta forma *o que* não pode representar um determinante no SN que integra a oração relativa (isto é, não é passível de uma análise de incorporação como a que propõem Medeiros Júnior 2016 ou Brito 2024).

relativo a posições pós-preposição: 5 no CETEMPúblico, 2 no NILC/São Carlos e 2 no Vercial (no mesmo texto de Raul Brandão, envolvendo uma coordenação curiosa com um SN com *que* neutro):

- (35) “(...) nem **tudo do que** gostamos é bom e nem tudo o que desgostamos é mau.” (CETEMPúblico, ext736559-clt-97b-2)
- (36) “Mostramos ao mundo **tudo do que** somos capazes.” (NILC/São Carlos, par=Esporte--94b-1)
- (37) “Tudo o que desprezou, tudo o que calçou, tudo o que arredou, é que era a vida; tudo para que viveu, **tudo para o que** gritou, **tudo para o que** sofreu, não existe.” (Raul Brandão, *Húmus*, 1919, in Vercial)

Da construção *tudo* PREP *quanto*, porventura com melhor aceitação, há 6 registos CETEMPúblico e 2 no Vercial:

- (38) “Um dos moradores aponta a camisa que traz vestida, para explicar que foi **tudo com quanto** ficou.” (CETEMPúblico, ext1458412-soc-94a-1)
- (39) “Tu serás rainha do meu coração; (...) senhora de **tudo sobre quanto** se estende o poder de Abdulaziz (...).” (Alexandre Herculano, *Eurico o Presbítero*, 1844, in Vercial)
- (40) “Leonor (...) gemeu na escuridade de uma enxovia, sem saber porque estava ali; e como negou **tudo de quanto** a acusavam, foi posta a tormento corrido (...).” (Teófilo Braga, *História da Literatura Portuguesa*, 1918, in Vercial)

5. Orações relativas com constituintes relativos não preposicionados precedidas de **todos** [+Humano] e construções afins

Nesta secção, analisaremos as construções do tipo ilustrado em (3), (7) e (8) acima, repetidas abaixo por conveniência, e ainda a construção, bastante comum, equivalente a (8), com o nome *gente* (ou *mundo* em PB) em vez de *peessoas*.

- (41) **Todos {que / *quem / quantos / os que / aqueles que}** tinham bilhete válido puderam entrar no pavilhão.
- (42) **Todas as pessoas que** tinham bilhete válido puderam entrar no pavilhão.
- (43) **Toda a gente que** tinha bilhete válido pôde entrar no pavilhão.

Como se pode ver, em estruturas nominais associadas ao traço [+Humano], há construções comparáveis com as anteriormente analisadas, com algumas diferenças: uso dos masculinos genéricos *todos*, *aqueles* e *quantos* em vez de, respetivamente, *tudo*, *aquilo* e *quanto*; uso de *pessoas* (ou *gente*) em vez de *coisas* como núcleo nominal hiperonímico; possibilidade de uso do masculino genérico *os* equivalente a *aqueles*, como amálgama DD+N. Ainda, como ilustra (41), o pronome não neutro [+Humano] *quem* tem um comportamento distinto do pronome paralelo não neutro [-Humano] *o que*, no que respeita à compatibilidade com um elemento pronominal universalmente quantificado (**todos quem* vs. *tudo o que*).

Os resultados das pesquisas estão na Fig. 3⁹.

	CETEMPúblico [PE]		NILC/São Carlos [PB]		Vercial	
<i>todos que</i>	59	1,0%	133	29,7%	40	6,8%
<i>todos quantos</i>	≈ 570	9,9%	12	2,7%	51	8,7%
<i>todos os que</i>	≈ 3.109	53,9%	145	32,4%	363	61,7%
<i>todos aqueles que</i>	≈ 1.416	24,5%	92	20,5%	71	12,1%
<i>todas as pessoas que</i>	377	6,5%	62	13,8%	29	4,9%
<i>toda a gente / todo o mundo</i> [PB] <i>que</i>	240	4,2%	4	0,9%	34	5,8%
total	5.772		448		588	
	30 pMp		13 pMp		40 pMp	

Fig. 3: Prevalência de construções contendo orações relativas com constituintes relativos não preposicionados precedidas de quantificadores universais do tipo de *todos*. Fonte: elaborado pelo autor.

⁹ Os valores sinalizados com “≈” foram obtidos por amostragem (leitura de 200 excertos, identificação de uma taxa de relevância e aplicação dessa taxa ao total de resultados da pesquisa).

Observa-se que, no NILC/São Carlos, a frequência destas construções é globalmente muito inferior à que se verifica no CETEMPúblico. Assim, é de conjecturar que o registo em causa do PB recorra mais ao uso de alternativas sem *tudo* (por exemplo, relativas livres com *quem*, ou relativas precedidas de *os/aqueles*: *quem tinha bilhete válido pôde entrar no pavilhão*, *os/aqueles que tinham bilhete válido puderam entrar no pavilhão*). Deixarei a avaliação desta conjectura para trabalhos posteriores.

Como foi referido acima, *quem* tem um comportamento distinto de *o que* em orações introduzidas por quantificadores universais explícitos. Ainda que ambas as formas pronominais possam ocorrer em relativas livres comuns (*quem caiu / o que caiu*) só a segunda aceita ser precedida por um quantificador universal explícito (**todos quem caíram* vs. *tudo o que caiu*). A construção anómala com *todos quem* (com um elemento morfológicamente plural e outro morfológicamente singular), documentada em (44) abaixo, é registo único nos três *corpora* consultados:

- (44) “Quando (...) o Parlamento Europeu abordou a questão da incompatibilidade das corridas de touros com a sociedade moderna, (...) o chamado «planeta dos touros», ou seja, **todos quem**, em Espanha, têm responsabilmente a ver com o assunto, constituíram [*sic*] uma comissão (...).” (CETEMPúblico, ext49993-opi-98a-2)

A Fig. 3 documenta ainda uma situação comparável à que se descreveu na secção 3 acerca do uso do pronome relativo neutro *que* imediatamente a seguir ao quantificador universal explícito: esse uso é quase residual em PE (cerca de 1%) e bastante comum em PB (cerca de 30%); o uso de *todos que* no Vercial (cerca de 7%) é bastante mais elevado que no CETEMPúblico, mas está muito longe dos números brasileiros. Seguem-se exemplos do uso da sequência *todos que* nos três *corpora* referidos:

- (45) “Parabéns (...) a **todos que** produziram, realizaram e trouxeram até nós este trabalho.” (CETEMPúblico, ext196774-clt-96b-1)
- (46) “Fale das coisas boas da sua vida para **todos que** quiserem ouvir.” (NILC/São Carlos, par=Ilustrada--94b-1)
- (47) “**Todos que** assistiram ao sacrifício da missa oferecido por São Sansão (...) notaram que o seu rosto parecia incendiado em labaredas (...).” (Eça de Queirós, *Dicionário de Milagres*, 1900, in Vercial)

Finalmente, o uso de *todos quantos* é significativamente mais baixo no PB (menos de 3%) do que no PE (cerca de 10%), nos *corpora* consultados.

6. Orações relativas com constituintes relativos preposicionados precedidas de *todos* [+Humano] e construções afins

Nas construções em que os constituintes relativos são preposicionados, as hipóteses são comparáveis às discutidas na secção anterior, mas há algumas particularidades: (i) havendo uma preposição de permeio, a forma pronominal pró-SN *quem* não só passa a ser permitida como é de longe a preferida (ainda que o pronome relativo neutro *que* ocorra, como equivalente, esporadicamente)¹⁰; (ii) nestes contextos, o uso de *quantos* é agramatical, não havendo qualquer registo da sequência *todos* PREP *quantos* nos três *corpora* consultados; ou seja, *quantos* rejeita a ocorrência em posição pós-preposição, como genuíno morfema pró-SN – cf. nota 7; (iii) nestes contextos, o uso de *os* como amálgama DD+N equivalente a *aqueles* é agramatical, não havendo qualquer registo da sequência *os* PREP *quem/que* nos três *corpora* consultados¹¹; (iv) havendo um antecedente nominal autónomo *pessoas* (mas não *gente*), além de *quem* e *que*, pode ocorrer também a locução pronominal neutra *o qual*. Veja-se:

- (48) **Todos {com quem / com que / *com quantos / aqueles com quem / aqueles com que / *os com quem / *os com que} nós colaborámos tinham larga experiência de gestão.**
- (49) **Todas as pessoas {com quem / com que / com as quais} nós colaborámos tinham larga experiência de gestão.**

Globalmente, estas construções são muito pouco frequentes. Os resultados das pesquisas estão na Fig. 4 (onde o sinal “+” separa o número de ocorrências com cada um dos morfemas listados na primeira coluna, pela ordem apresentada – *quem* + *que* [+as *quais*]).

¹⁰ Embora as formas alternativas a *que* (*quem*, *o qual*) sejam porventura preferidas, *que* não é universalmente rejeitado pelos falantes da variedade padrão (mas cf. e.g. Brito 2024: 95), havendo largas dezenas de registos de *que* [+Humano] pós-preposição em texto jornalístico e inclusivamente em texto literário. “– Esse homem de que me fala era um frade mentecapto.” (Camilo Castelo Branco, *A Filha do Regicida*, 1875, in Vercial). Creio que se trata de uma questão predominantemente estilística.

¹¹ Quando há elipse nominal, isto é, quando *os* funciona com um genuíno determinante (não como uma amálgama determinante + núcleo), os falantes também tendem a evitar a sequência *os* []_N PREP *que*, preferindo e.g. *aqueles* []_N PREP *que*. Porém, essa sequência tem bastantes abonações em *corpora* como o CETEMPúblico – cf. Ferreira (2007: 52-58).

	CETEMPúblico [PE]		NILC/São Carlos [PB]		Vercial	
<i>todos</i> PREP <i>que</i>	1	1,0%	0	—	0	—
<i>todos</i> PREP <i>quem</i>	15	15,8%	2	28,6%	5	29,4%
<i>todos aqueles</i> PREP <i>quem/que</i>	51 (50+1)	53,7%	2 (2+0)	28,6%	9 (9+0)	52,9%
<i>todas as</i> <i>peessoas</i> PREP <i>quem/que/as</i> <i>quais</i>	20 (20+0+0)	21,1%	3 (1+1+1)	42,8%	2 (2+0+0)	11,8%
<i>toda a gente /</i> <i>todo o mundo</i> [PB] PREP <i>quem/que</i>	8 (6+2)	8,4%	0	—	1 (0+1)	5,9%
total	95		7		17	
	0,5 pMp		0,2 pMp		1,1 pMp	

Fig. 4: Prevalência de construções contendo orações relativas com constituintes relativos preposicionados precedidas de quantificadores universais do tipo de *todos*.
Fonte: elaborado pelo autor.

Há apenas 6 registos (nos três *corpora*) em que foi usada a forma neutra *que* em vez da sua equivalente *quem*, numa formulação porventura sentida como menos natural por alguns falantes (exceto se o antecedente for *gente*, expressão com que o uso do pronome *que* parece ser bastante natural – cf. *toda a gente com que falei*):

- (50) “Estou ligada ao fado há 24 anos; conheço muita gente, e **todos com que** falei se interessaram (...)” (CETEMPúblico, ext23205-soc-97a-1)
- (51) “Diz Gros que **todas as pessoas a que** Lula se referiu (...) trabalham para bancos de investimento (...)” (NILC/São Carlos, par=Dinheiro--94b-1)

No CETEMPúblico, a construção em que um quantificador universal precede isoladamente toda a oração relativa (e.g. *todos* PREP *quem/que*), funcionado discutivelmente como uma amálgama QU+DD+N, tem valores muito mais elevados que as contrapartidas sem preposição (e.g. *todos* *que*) – 16,8% vs. 1,0%. Nos outros *corpora*, as percentagens são mais próximas: 28,6% vs. 29,7%, no NILC/São Carlos; 29,4% vs. 6,8%, no Vercial. Vejam-se exemplos da construção *todos* PREP *quem* nos três *corpora*:

- (52) “Quem devia saber? **Todos a quem** compete a fiscalização nesta área.” (CETEMPúblico, ext1320671-soc-92a-1)
- (53) “A legislação deveria ser redigida de forma mais simples (...), permitindo (...) a **todos com quem** se relaciona (...) procedimentos menos complicados (...)” (NILC/São Carlos, par=Dinheiro--94a-1)
- (54) “**Todos com quem** ele falava lhe diziam (...) que tal coisa nunca tinham ouvido.” (Teófilo Braga, *Contos Tradicionais do Povo Português*, 1883, in Vercial)

7. Conclusões

As construções em que se expressa quantificação universal sobre o conjunto de entidades não humanas, ou alternativamente sobre o conjunto de entidades humanas, que possuem determinada característica expressa mediante uma oração relativa são excecionalmente diversas do ponto de vista gramatical. Em primeiro lugar, distinguem-se dois grupos, consoante a quantificação universal seja explicitamente sinalizada através de um operador quantificacional do tipo de *tudo* ou *todos* (o único grupo que aqui foi analisado), ou não. Em cada um destes grupos, há várias construções, que se distinguem pelos operadores que utilizam, alguns dos quais representam mais de uma informação semântica amalgamada. Algumas destas construções foram objeto de especial atenção, por não serem consensualmente reconhecidas como plenamente naturais por todos os falantes de português europeu: destacam-se aquelas em que *tudo* e *todos* funcionam pronominalmente (como amálgamas QU+DD+N) antes de orações relativas restritivas; dentro destas, distinguem-se as que usam o pronome relativo neutro *que*, que estão entre as menos consensuais, e as que – após preposição – usam pronomes não neutros (*o que* ou *quanto*, em SNs [–Humano] ou *quem*, em SNs [+Humano]).

Os resultados totais da sua ocorrência, registados nas Figs. 1 a 4 acima, estão sintetizados na Fig. 5 a seguir:

	CETEMPúblico		NILC/São Carlos		Vercial	
<i>tudo que</i>	220	1,5%	864	33,3%	451	18,5%
<i>todos que</i>	59	1,0%	133	29,7%	40	6,8%
total	279		997		491	
	1,4 pMp		28 pMp		33 pMp	
<i>tudo PREP que/o que/quanto</i>	82 (71+5+6)	35,0%	25 (23+2+0)	67,6%	20 (16+2+2)	50,0%
<i>todos PREP que/quem</i>	16 (1+15)	16,8%	2 (0+2)	28,6%	5 (0+5)	29,4%
total	98		27		25	
	0,5 pMp		0,8 pMp		1,7 pMp	

Fig. 5: Prevalência de construções contendo orações relativas com *tudo* ou *todos* imediatamente seguido de oração relativa com o pronome neutro *que* ou com constituinte relativo preposicionado. Fonte: elaborado pelo autor.

Entre os aspetos mais interessantes, tanto quanto sei não notados ou pelo menos não muito explorados na literatura, estão os seguintes:

– Fortíssima redução no uso da construção com o pronome neutro *que*, em português europeu contemporâneo, em claro contraste com o português brasileiro contemporâneo, quando os constituintes relativos não são preposicionados. Com efeito, construções com *tudo que* e com *todos que* são muito infrequentes em PE (cerca de 1-1,5% das construções do tipo relevante), sendo muito comuns em PB (cerca de 30-33% das construções do tipo relevante). Parece haver indícios de mudança linguística no português europeu contemporâneo, especialmente no uso de *tudo que*, que perdeu terreno a favor da forma com pronome não neutro, *tudo o que*. O uso de *tudo/todos que* é tão escasso no português europeu contemporâneo que se colocam inclusivamente questões de naturalidade e/ou aceitabilidade, para muitos falantes.

– Preservação de valores relativamente altos de uso da construção com o pronome neutro *que*, em português europeu contemporâneo, quando os SNs têm o traço [–Humano] e os constituintes relativos são preposicionados, em claro contraste com o que acontece quando os constituintes relativos são não preposicionados. Com efeito, construções com e.g. *tudo* PREP *que* representam cerca de 30% das construções do tipo relevante, ainda que a preferência vá para as construções com presença do demonstrativo *aquilo*: *tudo aquilo* PREP *que* (62% das construções do tipo relevante).

Tem ainda especial interesse a construção com os pronomes relativos pró-SN *o que* e *quanto* após preposição precedida de *tudo*: *tudo* PREP *o que/quanto* – e.g. *depois de tudo {pelo que / por quanto} eu passei, é melhor desistir*. Sem a presença de *tudo*, estas construções parecem muito marginais ou mesmo totalmente agramaticais, em linha com a descrição das restrições ao uso de orações relativas livres com constituintes relativos preposicionados descritas na literatura. A ocorrência nas construções em apreço documenta uma situação especial de uso de *o que* e *quanto* como pró-SNs (não amalgamados com o antecedente).

Finalmente, os dados de frequência aqui registados – idealmente em conjugação com dados, não apurados, de construções paralelas equivalentes sem *tudo* ou *todos* – podem ser tomados como referência para motivar opções estilísticas. A necessidade de selecionar opções em competição (e de ponderar a sua naturalidade e/ou boa receção pelos interlocutores) tem especial relevância para certas atividades, como a tradução para publicação. Por exemplo, o inglês possui várias construções paralelas às portuguesas; nas mais comuns, o pronome relativo não está expresso e a preposição, quando ocorre, está *stranded*. As frases (55)-(58) abaixo ilustram cada uma das quatro situações que aqui foram destacadas, nas secções 3, 4, 5 e 6, respetivamente. Observe-se que as propostas de tradução para cada uma delas na plataforma de tradução automática DeepL recorrem a construções de subtipos diversos:

- (55) Everything I do is for them.

DeepL: **Tudo o que** faço é para eles.

- (56) They confiscated everything they could lay their hands on.

DeepL: Confiscaram **tudo a que** puderam deitar a mão.

- (57) Everyone they knew was so amazed.

DeepL: **Toda a gente que** conheciam ficou maravilhada.

- (58) I felt a genuine warmth from everyone I spoke to.

DeepL: Senti uma simpatia genuína por parte de **todos com quem** falei.

Dada a particular sensibilidade dos falantes portugueses ao uso do pronome neutro *que* nestas construções, certas opções de tradução devem ser ponderadas estilisticamente em confronto com formas claramente mais frequentes e talvez sentidas como mais naturais. Vejam-se dois exemplos de opções por formas (menos frequentes em PE) com *tudo que*, em vez da forma mais generalizada *tudo o que*, ou com *tudo* PREP *que*, em vez da forma mais generalizada *tudo aquilo que*:

- (59) “O telefonema é (...) a chave para **tudo que** aconteceu depois (...)”
(Robert Goldsborough, *O caso de Nero Wolfe*, trad. do inglês, Edições Asa, 2018, p. 249)
- (60) “Devo-lhe isso, depois de **tudo por que** a fiz passar.”
(Jo Nesbø, *A Faca*, trad. do inglês, original sueco, D. Quixote, 2020, 2.^a ed., 2021, p. 551).

8. Bibliografia (incluindo *corpora online* consultados)

- Brito, Ana Maria (1988): *A sintaxe das orações relativas em português. Estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (Publicada em 1991, INIC.)
- Brito, Ana Maria (2024): “The syntax of free relatives with invariable *o que* and of semi free relatives with variable *o que* revisited”, *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, n.º 11, pp. 88-108. DOI: <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln11ano2024a5>
- Ferreira, Sílvia Aguiar (2007): *Sobre a função e a forma de alguns subtipos especiais de orações relativas sem antecedente expresso em Português Europeu*, Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Medeiros Júnior, Paulo (2016): “From [o [que]] to [o que] in Brazilian Portuguese Free relatives: a Diachronic View”, in Mary Kato & Francisco Ordóñez (eds.), *The morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*, Oxford, pp. 308–331.
- Mendes de Almeida, Napoleão (1999): *Gramática metódica da língua portuguesa* (44.^a edição), São Paulo, Editora Saraiva.
- Móia, Telmo (1992): *A sintaxe das orações relativas sem antecedente expresso do português*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Peres, João Andrade (2013): “Semântica do Sintagma Nominal”, in Eduardo P. Raposo et al. (orgs.), *Gramática do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 701-815.
- Silva, Mariana Sofia Teixeira da (2021): *Orações relativas com antecedentes quantificacionais em português europeu. Análise sintática das sequências tudo*

quanto *e* todos quantos, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.
Veloso, Rita (2013): “Subordinação relativa”, in Eduardo P. Raposo *et al.* (orgs.), *Gramática do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. pp. 2059-2134.

Corpora consultados

CETEMPúblico 2.0 v. 12.4 [último acesso: 26-01-2025]

<http://www.linguateca.pt/ACDC/>

NILC-São Carlos v. 15.3 [último acesso: 26-01-2025]

<http://www.linguateca.pt/ACDC/>

Vercial v. 17.2 [último acesso: 26-01-2025]

<http://www.linguateca.pt/ACDC/>

Financiamento: Este trabalho foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) com verbas do projeto estratégico UIDB/00214: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

